

LIÇÃO 13

A SANTIFICAÇÃO DO CRENTE

TEXTO ÁUREO: “Agora, contudo, vos reconciliou, no corpo da sua carne, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis” (Cl 1.21-22).

LEITURA BÍBLICA: 1 PEDRO 1.13-25

INTRODUÇÃO

Nesta última lição do trimestre, estudaremos o tema da *santificação*. Não o faremos de forma abrangente e sistemática, mas trataremos do assunto à luz de aspectos ressaltados no estudo da epístola aos *Colossenses*, principalmente no que diz respeito à *santificação imputada* graças à obra do Senhor Jesus em favor do crente, e da *santificação interior* em oposição à aparência religiosa que muitos confundiam – e ainda hoje confundem – com a verdadeira santificação que Deus requer de nós.

I – SANTIFICAÇÃO: A VONTADE DE DEUS

Fica evidente, pela leitura das epístolas apostólicas, nas suas diversas recomendações aos irmãos, tanto judeus como gentios, a importância da *santificação* dos crentes. Este é o princípio que embasa tanto a *prática* como o *propósito último* da vida cristã (cf. 1 Ts 4.3; Hb 12.14). Seja Paulo, Pedro, Tiago ou João, todos são unânimes em afirmar a santidade de Deus e a vontade divina de que o Seu povo – seja *Israel* no passado, ou a *igreja* no presente – seja igualmente santo, pois para isto Deus os chamou (Lv 20.26; 1 Pe 2.9; cf. Ef 1.4).

Ser santo significa ser puro e limpo ou separado e isento do que é *moralmente* impuro e sujo (o pecado). Desde o princípio Deus quis ensinar Seu povo a diferenciar entre a condição moralmente corrupta do homem e da criação após a Queda, e a perfeição e excelência moral do Criador, nos termos de *distinguir entre o santo e o profano* (Lv 10.10; Ez 44.23). Mas é no concerto da lei que vamos encontrar um método sistemático de ensino estabelecido por Deus, na instituição de dias *solenes e santos* – como o *sábado*, a *páscoa* e o *dia da expiação*, que deveriam ser observados de acordo com o propósito divino, em distinção aos demais dias em que o povo podia buscar os seus próprios interesses (Ex 20.9-10; Lv 23); a distinção entre *alimentos puros*, que podiam ser comidos, e *impuros*, que deviam ser evitados (Lv 11.46-47); *condições do corpo humano* (como a *lepra* e os *fluxos*) que lembravam o esvaír da vida causado pelo pecado e a queda de nossos pais (Lv 14.54-57; 15.31-33); e até mesmo a delimitação de um *local sagrado*, um *santuário*, destinado ao culto divino e que era estritamente separado do território profano em redor (Ex 25.8). Todos esses elementos da lei mosaica eram rudimentos físicos, terrenos e visíveis, mas adequados àquele estágio de desenvolvimento do povo de Deus (cf. Gl 3.23-25). Através das sombras do primeiro concerto, a igreja ainda na sua infância aprendeu que *Deus é santo* e que Ele quer que o Seu povo seja participante da Sua santidade (Lv 20.26; Dt 14.2)

Então, na plenitude dos tempos, veio o Filho de Deus, instituindo um novo concerto e, através dele, uma melhor e mais completa revelação acerca da vontade de Deus, elevando a igreja à maturidade espiritual pela compreensão de que Deus busca a conformação do Seu povo à Sua santidade, não na aparência de ritos exteriores, mas em espírito e em verdade (Jo 1.17; 4.21-24). Para isto, o Senhor Jesus confirma a promessa do Espírito *Santo*, que seria dado aos fiéis de tal forma que *habitaria neles*, e, após cumprida em Pentecostes, o aprendizado e a participação na santidade divina torna-se uma experiência principalmente interior, operada eficazmente no coração do crente, ao mesmo tempo em que alcança e molda toda a sua maneira de viver, para a glória e santificação do nome do Senhor (Ez 36.27; Jo 14.16-17; Mt 6.9).

II – SANTIFICADOS EM CRISTO JESUS

O Senhor Jesus, sendo a cabeça da igreja, aqu'Ele em quem se cumpre o propósito divino para com toda a criação, e em especial a igreja, é o autor e consumidor da nossa santificação (Hb 2.11). Visto como o pecado não apenas separou o homem da perfeição moral do Deus santo, mas corrompeu o seu entendimento a ponto de que todos os seus pensamentos são continuamente maus e pecaminosos, o homem natural vive em um eterno estado de *profanação*; ele é intrinsecamente *impuro*, e todas as suas obras são imundas, profanas e desprezíveis ante a excelência da santidade divina (Mt 15.19; Is 64.6). O abismo entre a condição *profana* do homem e a *santidade* de Deus é tão grande e humanamente insuperável que, sob a sombra da lei, apesar de todos os métodos de purificação dados através de Moisés, nenhum deles era completo sem a execução de um *sacrifício de sangue para santificar o profano pecador* (Sl 49.6-9; Hb 9.18, 22). Ou seja, a santificação do pecador custava o preço de uma *vida inocente*.

Por isso, através do Seu sacrifício na cruz do Calvário, conforme também aprendemos neste trimestre, o Senhor Jesus removeu de nós tanto a dívida como o jugo mental e espiritual que nos fazia escravos do pecado – as quais coisas eram a fonte da nossa contínua impureza – e assim nos *purificou pela graça, pela fé* (Cl 1.14, 19-22; Rm 3.25; At 15.9); e, imputando em nossa conta para com Deus o mérito da Sua perfeita justiça – isto é, a Sua perfeição moral, que é o aspecto positivo da santidade – nos restaurou à condição de *santos*, de modo que agora desfrutamos de verdadeira comunhão com o Pai, que se realizará plenamente no porvir, sem o temor de sermos consumidos pelo fogo da sua santidade (Hb 10.10, 14, 19-23).

III – SANTIFICADOS NA OBEDIÊNCIA À VERDADE

Compreendendo a santidade como uma operação do Espírito de Deus no *coração* do crente, que consiste na remissão dos pecados e na imputação da justiça de Cristo Jesus ao crente, podemos fazer uma aplicação correta desta obra da graça na vida prática. A verdadeira santidade começa, então, no interior, e *nunca* ao contrário, de fora para dentro. Primeiro, o Espírito de Deus conforma o coração e a consciência do fiel a esta realidade, dando-lhe a certeza de que seus pecados foram perdoados e de que ele está puro diante de Deus e apto para servi-l'O (Hb 9.13-14; Rm 6.5-10). Depois, “armado” com este poderoso incentivo, ele passa a considerar os feitos do velho homem que devem ser detestados e as virtudes da justiça que devem ser amadas e moldar seu entendimento (1 Pe 4.1-2; Rm 12.1-3; Cl 3.2-3; Ef 4.22-24). Naturalmente, a prática da santificação neste nível requer dedicação e sinceridade para com Deus, em oração, vigilância, meditação e reflexão sobre a Sua palavra (Mt 26.41; 1 Pe 5.8; Jo 17.17).

Então, é a partir de uma *mente santificada* que o crente poderá se aplicar a um *viver santificado*, resistindo ao mal, ao pecado, em todas as suas formas e aparência; pois seu coração estará afeito e anelante pela palavra de Deus, bem disposto a demonstrar seu amor ao Senhor pela obediência à Sua palavra (Jo 14.15, 23-24), e indisposto a aborrecer àqu'Ele que invoca como Pai e perante o qual espera um dia encontrar-se face a face (1 Pe 1.17; 1 Jo 3.1-3); o *andar* no Espírito fluirá naturalmente, pois ele de fato *vive* no Espírito, nutrindo-se das coisas do Espírito, e não da *carne* (Rm 6.11-14; 8.1, 5-9; Gl 5.16-25).

CONCLUSÃO

Que possamos ver a busca da santificação como a essência da vida cristã e nos aplicarmos a ela não como uma prática religiosa, como uma conformação a regras e costumes sobre o que podemos ou não fazer. Entendamos que esta é uma experiência interior, absolutamente necessária e desejada por todo aquele que verdadeiramente ama a Deus, e que somente a partir dela é que vamos compreender como devemos andar neste mundo de uma forma que agrade ao nosso Pai celestial.